



Bolsas Na quarta-feira: 1,04% São Paulo Na quinta-feira: 0,36% Nova York	Pontuação B3 Ibovespa nos últimos dias 124.367 → 129.601 28/5 31/5 1º/6 2/6	Salário mínimo R\$ 1.100	Dólar Na quarta-feira: R\$ 5,084 (▼ 1,2%) Últimas cotações (em R\$): 26/maio: 5,313 27/maio: 5,255 28/maio: 5,212 31/maio: 5,225 1º/junho: 5,146	Euro Comercial, venda na quarta-feira: R\$ 6,207	Capital de giro Na quarta-feira: 6,43%	CDB Prefixado 30 dias (ao ano): 3,80%	Inflação IPCA do IBGE (em %): Dezembro/2020: 1,35 Janeiro/2021: 0,25 Fevereiro/2021: 0,86 Março/2021: 0,93 Abril/2021: 0,31
---	---	---	--	---	---	--	--

CONJUNTURA / Ibovespa vem superando sucessivas marcas. Para analistas, parte do desempenho se deve à volta dos investidores estrangeiros, apesar de a pandemia apresentar altos percentuais de infecção e de a vacinação contra a covid-19 marchar lentamente

Bolsa perto de bater os 130 mil pontos

» VERA BATISTA

Após quatro recordes seguidos de alta, o Ibovespa, índice que mede o desempenho das principais ações da bolsa de valores brasileira (B3), tem tudo para bater, hoje, os 130 mil pontos. Por conta disso, analistas se apressam em refazer as projeções para 2021 e preveem que alcance os 150 mil pontos, até o final do ano. No entanto, apesar do otimismo de uma parcela dos agentes de mercado, há quem alerte que muita coisa pode mudar no meio do caminho de um período pré-eleitoral, de expansão de gastos e de reformas estruturais incertas. Na última quarta-feira, o Ibovespa subiu 1,04%, alcançando inéditos 129.601 pontos (confira os demais índices nos indicadores no alto da página) e, na semana, já acumulava valorização de 3,22%.

De acordo com Pedro Paulo Silveira, economista-chefe da Corretora Nova Futura Investimentos, a animação tem como combustível, principalmente, o

mercado global, com o pacote de estímulo do presidente dos Estados Unidos, Joe Biden, e o avanço na vacinação dos países desenvolvidos. No Brasil, o resultado do Produto Interno Bruto (PIB, soma das riquezas do país), com avanço de 1,2% no primeiro trimestre, os bons resultados dos balanços das grandes empresas e a alta dos juros para conter a inflação completaram o cenário positivo.

“Embora se tenha internamente o avanço das mortes e a perspectiva de alta na infecção, o que o mercado está olhando é a adaptação das companhias com maior peso no Ibovespa à crise causada pela covid-19. Se com o Brasil nessa situação houve resiliência, quando a população estiver vacinada, os números serão bem melhores”, explicou Silveira. Ele ressaltou, porém, que não faz parte do “grupo otimista” e se considera um “moderado”. Mesmo assim, suas simulações, que previam o Ibovespa a 140 mil pontos, se ajustaram para 150 mil pontos no final do ano.

Nelson Almeida/AFP



Agentes do mercado recalcularam a pontuação da B3 neste ano. Estimam que pode chegar aos 150 mil pontos

Ajuda externa

Silveira lembra que houve um momento, num passado próximo, em que os investidores es-

trangeiros fizeram grandes retiradas da bolsa de valores brasileira. Mas um sinal importante é que os acionistas nacionais, que sustentam o Ibovespa por um tempo,

agora estão também dividindo o espaço com os estrangeiros que estão em movimento de volta. Isso vem acontecendo, principalmente, nas ações da Petrobras e

dos bancos. Ele disse, ainda, que os recentes recordes da B3 foram motivados pelos estrangeiros.

Álvaro Bandeira, economista-chefe do Banco Modalmais, lembra que o crescimento do PIB — embora acima das expectativas, que eram de 0,7% — foi, em parte, devido à base fraca de comparação. Mesmo assim, o resultado um pouco melhor tem tudo para desencadear outro efeito. “Pode levar o governo e o Legislativo a perderem o estímulo de acelerar a agenda de reformas, que são absolutamente imprescindíveis, assim como controlar a diferença hoje negativa entre receitas e gastos do governo e o endividamento federal”, salienta.

Se isso acontecer, o país pode estar diante, mais uma vez, do chamado “voo de galinha” — uma alta pequena e insustentável da atividade econômica. “É preciso evitar isso. De nada adianta a gente crescer 5,5% neste ano para, depois, algo perto de 2,5% em 2022. Então, não dá para o governo e o Congresso descansarem, embora algumas coisas no meio do caminho venham ajudando”, assinala.

The Economist prevê futuro sombrio com Bolsonaro

A revista britânica *The Economist*, uma das mais conceituadas publicações do mundo, traz nesta semana uma edição especial sobre o Brasil com uma série de críticas ao governo Jair Bolsonaro. Como em outras vezes que se referiu ao país, a revista traz na capa uma nova ilustração do Cristo Redentor, desta vez respirando com uma máscara de oxigênio. No especial, que é capa da revista sob o título “A década sombria do Brasil”, a revista descreve o presidente brasileiro como um homem que quer “destruir as instituições, não reformá-las”, “esmagou todas as tentativas” de uma exploração sustentável da Amazônia e revelou serem “falsos” todos os votos favoráveis à renovação política.

Para a revista, o apoio dos militares a seu governo, a revista diz que os generais que se aliaram a ele “esperavam fazer avançar a agenda do Exército” mas, “em vez disso, prejudicaram suas reputações” e afirma que “sob Eduardo Pazuello, o Ministério da Saúde parecia uma ‘boca de fumo’ (escrito em português e traduzido) para hidroxiquina”.

O especial termina com uma reportagem intitulada “Hora de

ir”, que afirma que o futuro do país depende do resultado de 2022. O texto destaca o apoio dos militares ao atual presidente, mas salienta o ônus dos generais por apoiar o presidente e os riscos de Bolsonaro, e seus apoiadores cada vez mais armados, não aceitem um resultado adverso nas urnas. Em março de 2016, a revista deu a foto da então presidente Dilma Rousseff na capa, também com o mesmo título, “Hora de ir”.

Centro desmanteado

A reportagem aborda a dificuldade dos partidos de centro em encontrar um nome em comum para a disputa do pleito e, ao citar o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, que lidera as pesquisas eleitorais, afirma que o petista “precisa mostrar como o manejo da pandemia custou vidas e formas de sustento, e como Bolsonaro governou para sua família e não para o Brasil”. Para a *The Economist*, “o ex-presidente deve oferecer soluções, não ‘saudades’ (escrita em português e traduzida como nostalgia)” dos anos em que governou o país.

Para a revista, “para voltar aos

trilhos, o Brasil deve lidar com velhos problemas”, citando favorecimentos fiscais para a indústria e para funcionários públicos e leis tributárias e trabalhistas que distorcem ou desencorajam o investimento.

A reportagem foi a locais como Camaçari (BA) para mostrar o “sonho adiado” das pessoas que ascenderam à classe C ao longo dos governos Fernando Henrique Cardoso e Lula, mas que, depois de uma série de problemas listados pela publicação (em especial as medidas econômicas adotadas no governo Dilma), passaram a viver em um contexto de desemprego e queda de renda. O retrato é Vinícius Rabelo, um neto de plantadores de mandioca que trabalha na fábrica (recém-fechada) da Ford na cidade e que, hoje, vive como motorista de Uber.

A revista cita uma série de problemas que levaram a esse quadro, passando por uma falha do PT em não investir em uma infraestrutura que promettesse ganhos de longo prazo, a política econômica de Dilma, um controle de gastos nunca realizado pelo país e, por fim, a crise do coronavírus e a baixa taxa de vacinação. Porém, a

publicação aponta “vislumbres de esperança” com a agricultura em alta, as commodities voltando a terem preços em alta e, no caso de Camaçari, a transformação da cidade em um hub logístico entre Salvador e o oeste da Bahia.

Menos otimista é a reportagem “Andando para trás”, que aborda o fim da Operação Lava-Jato sob o governo Bolsonaro e a aliança malsucedida entre o presidente e o juiz Sergio Moro, “que estava orientando promotores inapropriadamente” durante as investigações. O texto descreve os retrocessos no país para o controle da corrupção, mesmo após toda a investigação feita a partir das delações de executivos da Odebrecht, e ainda cita os esforços do presidente, tensionando as instituições, para proteger os filhos de investigações criminais.

A matéria diz que o caso do “tratoço”, em que o Ministério do Desenvolvimento destinou até R\$ 3 bilhões para compras suspeitas de superfaturamento para parlamentares, “minou as alegações de Bolsonaro de que não houve nenhum escândalo desde que ele assumiu o governo”.

The Economist/Reprodução



Pessimismo da publicação está explícita na capa e no título da edição

» Revista é uma crítica permanente do país

A *The Economist* já trouxe edições especiais do Brasil no passado. Em 2009, o Cristo Redentor estava decolando como um foguete, em uma especial intitulada “O Brasil decola”. Em 2013, a foto era parecida, mas o Cristo era um foguete descontrolado, voando a esmo. A reportagem “O Brasil explodiu?” dissecava os problemas econômicos que se vislumbravam naquele ponto, quando o crescimento estava em xeque e a inflação, em alta. Em abril de 2016, a edição colocava a estátua pedindo socorro. Em editorial, a revista dizia que a presidente Dilma Rousseff tinha responsabilidade sobre o fracasso econômico, mas que os que trabalham para tirá-la do cargo “são, em muitos aspectos, piores” e cita o ex-deputado cassado Eduardo Cunha como exemplo. “No curto prazo, o impeachment não vai resolver isso”. Por isso, a revista defendia novas eleições gerais. Em 2019, no começo do governo Bolsonaro, a capa trouxe a ilustração de uma floresta de tocos de árvores e teve foco na expectativa de aumento do desmatamento sob a gestão do então recém-empossado presidente.

Descompromisso com meio ambiente

A equipe de repórteres da *The Economist* foi ao Território Sete de Setembro, terra indígena na divisa entre Rondônia e Mato Grosso, na reportagem mais longa do especial. Intitulada “Árvores de diabinho”, dissecou os conflitos entre indígenas, madeiros, garimpeiros e criadores de gado, tendo a preservação da Amazônia como pano de fundo. A matéria destaca que os povos residentes na região são os mais pobres do país, afirma que as oportunidades de renda a partir das atividades ilegais acabam atraindo mesmo os indíge-

nas moradores das áreas protegidas e que faltam investimentos em pesquisa na região.

O texto fala em “cruzada” lançada pelo ministro Ricardo Salles contra o Fundo Amazônia e relembra da reunião ministerial de abril de 2020, em que ele sugeriu “ir passando a boiada” da desregulamentação, enquanto a atenção da imprensa estava na covid-19 e dá exemplos desse esforço em alterações legais, citando a autorização para garimpo em territórios indígenas. Isso sem deixar de citar a perseguição a agentes da Polícia

Federal que vigiam Salles.

Ao olhar para os demais políticos do país, no texto “Necessidade de reformas”, a publicação inglesa diz que “Brasília está cheia de políticos jovens com ideias velhas”, citando frase da deputada federal Joênia Wapixana (Rede-RR), primeira indígena do Congresso. O texto destaca que, depois dos protestos de 2013 e de 2016, que terminaram com o impeachment de Dilma Rousseff, o parlamento brasileiro sofreu sua maior renovação, mas as expectativas de reformas políticas não se

concretizaram. “Reformas mais profundas podem incluir distritos menores, regras de financiamento de campanha mais rígidas e admissão de candidatos independentes. Mas nada disso parece provável”, afirma a publicação.

Ainda no campo político, a *The Economist* explora o voto evangélico na disputa eleitoral e analisa que, embora Bolsonaro busque nesse eleitorado uma de suas principais bases — e conte com o apoio de líderes das principais denominações —, o apoio do público evangélico ao presidente não é claro.